

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

2º BIMESTRE

AUTORIA

BRUNA NOVOA CERRI DOS SANTOS

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O primeiro texto gerador é um conto chamado “*Um Apólogo*”, do grande escritor brasileiro Machado de Assis. O conto apresenta a discussão entre a agulha e um novelo de linha para saber quem é mais importante e faz um trabalho melhor, enquanto a costureira (modista) costura o vestido de baile da dona da casa (ama), uma baronesa. Trata-se de uma narrativa curta e muito interessante! A partir dela poderemos identificar muitas características desse gênero textual.

UM APÓLOGO

Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— *Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?*

— *Deixe-me, senhora.*

— *Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.*

— *Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.*

— *Mas você é orgulhosa.*

— *Decerto que sou.*

— *Mas por quê?*

— *É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?*

— *Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?*

— *Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...*

— *Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...*

— *Também os batedores vão adiante do imperador.*

— *Você é imperador?*

— *Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...*

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— *Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...*

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

VOCABULÁRIO

Coser: unir com linhas e agulhas.

Feição: Feitio que se dá a algo ou que algo tem; forma; figura.

Melancolia: Tristeza sem causa definida, por vezes acompanhada de saudade.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Analisando o título do texto, sabemos que Apólogo é uma História que traz uma lição de moral e tem como personagens seres não humanos que dialogam como se o fossem.

A partir dessa definição e da leitura atenta do texto I, podemos afirmar que o conto literário é necessariamente ficcional. Aponte elementos do texto que comprovem essa afirmação.

Habilidade trabalhada

Distinguir texto ficcional e não-ficcional.

Resposta comentada

Por se tratar de um texto que certamente chamará a atenção dos alunos, é recomendável que o professor antes de iniciar as atividades realize a leitura de diversas formas: leia, peça para um aluno ler, proponha uma leitura dramatizada, etc. Em seguida, conversem sobre as impressões que tiveram do conto.

A partir daí, o aluno será capaz de perceber porque esse conto é ficcional (nessa etapa, é válido que o professor chame a atenção do aluno para comparar o conto à crônica, gênero textual que eles estudaram anteriormente. Assim, essa distinção entre ficcional e não-ficcional ficará bem clara para o aluno). Para justificar sua resposta poderá apontar que o conto se inicia com a expressão “*Era uma vez...*”, através dessa fala o professor deverá encaminhá-los a pensar que esse início prenuncia uma história em que tudo é possível. Assim, os discentes logo identificarão mais elementos que comprovem sua resposta, como objetos que podem falar e apresentar características humanas(a conversa entre uma agulha e uma linha, a linha ser orgulhosa, entre outras.)

QUESTÃO 2

Um conto possui os elementos básicos que compõem uma narrativa. Narra-se um fato, há personagens atuando e um narrador que relata a ação. O tempo e o cenário ou ambiente são outros elementos importantes na estrutura da narração. Com base nessas informações, analise as afirmações abaixo e classifique-as em verdadeiras (V) ou falsas (F), justificando suas escolhas.

- a) () O conto é narrado em 1ª pessoa, ou seja o narrador é personagem e participa da história.
- b) () O texto apresenta duas personagens centrais: a agulha e a linha. A costureira, a baronesa e o alfinete são classificados como personagens secundários.

- c) () O espaço em que a história se dá é a casa da costureira.
- d) () Apesar de não haver marcação temporal, o conto nos dá indícios que, entre o momento em que a agulha começa a implicar com o novelo de linha, até a finalização da costura do vestido passam-se alguns dias.

Habilidade trabalhada

Identificar narrador, foco narrativo, espaço, tempo e personagens.

Resposta comentada

O aluno deverá classificar a alternativa **A** como falsa (F), pois o conto é narrado em 3ª pessoa, o narrador somente conta os fatos, sem participar da história.

Com relação a alternativa **B**, a resposta deverá ser que é verdadeira (V). A agulha e a linha tem um destaque infinitamente maior no texto, por isso, são principais, a história gira em torno do diálogo entre elas, ao passo que os outros personagens, embora tenham sua importância para a história, aparecem com menor frequência.

Em relação a letra **C**, deverá marcar que é falsa (F), pois apenas com a leitura atenta do texto depreendemos que a história acontece na casa da baronesa, como está evidente em :
“Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa...”

Já a letra **D**, é verdadeira (V) e também pode ser comprovada com a seguinte passagem do texto: *“Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.”*

Dessa forma, a sequência correta é: F – V – F – V.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

O uso da pontuação é muito importante para a boa compreensão de um texto. O conto “*Um apólogo*” apresenta uma pontuação riquíssima, que é essencial para que, ao ler, o leitor use a entonação correta e entenda bem o texto. O uso do ponto de interrogação, por exemplo, nos faz perceber que se trata de uma pergunta; os travessões indicam a fala de um personagem. Observamos também o uso de reticências (...) em algumas passagens apresentadas no quadro a seguir. Qual a função das reticências no texto?

“— *Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...*”

“— *Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...*”

“— *Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...*”

“— *Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...*”

Habilidade trabalhada

Reconhecer e usar adequadamente a pontuação.

Resposta comentada

O professor poderá reforçar com os alunos os diversos casos em que as reticências são utilizadas: interromper um pensamento de forma que o leitor subentenda o que seria

enunciado ou imagine; indicar continuidade de uma ação ou fato; realizar citações incompletas; representar, na escrita, hesitações comuns na língua falada.

Assim, o aluno deverá responder que uso das reticências, no texto, indica a continuidade da conversa entre a agulha e a linha.

QUESTÃO 4

Os contos geralmente utilizam uma linguagem permeada de expressividade, através da utilização de figuras de linguagem. No texto gerador I, observamos o uso de uma figura de som no trecho: “...*E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic da agulha no pano.*” Que figura de linguagem é essa? Marque a alternativa correta.

- a) Aliteração
- b) Onomatopeia
- c) Assonância
- d) Metáfora

Habilidade trabalhada

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada

Ao analisar o trecho em destaque o aluno apontará como opção correta a letra c, onomatopeia, e deverá explicar que essa figura tenta reproduzir em forma de palavras os sons da realidade (plic-plic-plic-plic é o som que a agulha faz ao entrar no pano).

Se julgar conveniente, o professor pode comentar com os alunos que aliteração consiste na repetição de fonemas no início ou no interior das palavras. Assonância consiste

na repetição ordenada de sons vocálicos idênticos e metáfora é uma comparação subentendida.

TEXTO GERADOR II

O texto gerador II é um conto para ler, se encantar e refletir sobre o poder das palavras... O texto de Marina Colasanti conta a história de um rei que odiava barulho.

Leia-o com atenção para saber o desfecho dessa história!

PALAVRAS ALADAS

“Silêncio era a coisa de que aquele rei mais gostava. E de que, a cada dia, mais parecia gostar. Qualquer ruído, dizia, era faca em seus ouvidos.

Por isso, muito jovem ainda, mandou construir altíssimos muros ao redor do castelo. E logo, não satisfeito, ordenou que por cima dos muros, e por cima das torres, por cima dos telhados e dos jardins, passasse imensa redoma de vidro.

Agora sim, nenhum som entrava no castelo. O mundo podia gritar lá fora, que dentro nada se ouviria. E mesmo a tempestade fez-se muda, sem que rolar de trovão ou correr de vento perturbassem a serenidade das sedas.

— Ouçam que preciosidade!- dizia o rei. E toda a corte se calava ouvindo embevecidamente coisa alguma.

Mas se os sons não podiam entrar, verdade é que também não podiam sair. Qualquer palavra dita, qualquer espirro, soluço, canto, ficava vagando prisioneiro do castelo, sem que lhe fossem de valia fresta de janela ou porta esquecida aberta. Pois se ainda era possível escapar às paredes, nada os libertava da redoma.

Aos poucos, tempo passando sem que ninguém lhe ouvisse os passos, palavras foram se acumulando pelos cantos, frases serpentearam na superfície dos móveis, interjeições salpicaram as tapeçarias, um miado de gato arranhou os corredores.

E tudo teria continuado assim, se um dia, no exato momento em que sua majestade recebia um embaixador estrangeiro, não atravessasse a sala do trono uma frase desgarrada. Frase de cozinheiro que, sobrepondo-se aos elogios reais, mandou o embaixador depenar, bem depressa, uma galinha.

Mais do que os ouvidos, a frase feriu o orgulho do rei. Furioso, deu ordens para que todos os sons usados fossem recolhidos, e para sempre trancados no mais profundo calabouço.

Durante dias os cortesãos empenharam-se naquele novo esporte que os levava a sacudir cortinas e a rastejar sob os móveis(...) Enfim, divertiram-se tanto, tão entusiasmados ficaram com a tarefa, que acabaram por instituir a Temporada Anual de Caça à Palavra.

De temporada em temporada, esvaziava-se o castelo de seus sons, enchia-se o calabouço de conversas. A tal ponto que o momento chegou em que ali não cabia mais sequer o quase silêncio de uma vírgula. E o Mordomo Real viu-se obrigado a transferir secretamente parte dos sons para aposentos esquecidos do primeiro andar.

Foi portanto por acaso que o rei passou frente a um desses cômodos. E passando ouviu um murmúrio, rasgo de conversa. Pronto a reclamar, já a mão pousava na maçaneta, quando o calor daquela voz o reteve. E inclinado à fechadura para melhor ouvir, o rei colheu as lavas, palavras, com que um jovem, de joelhos talvez, derramava sua paixão aos pés da amada.

A lembrança daquelas palavras pareceu voltar ao rei de muito longe, atravessando o tempo, ardendo novamente no peito. E cada uma ele reconheceu com surpresa sua própria voz, sua jovem paixão. Era sua aquela conversa de amor há tantos anos trancada. Frio da longa meada do passado, vinha agora envolvê-lo, religá-lo a si mesmo, exigindo sair de calabouços.

— *Que se abram as portas!- gritou comovido, pela primeira vez gostando do seu grito, ele que sempre havia falado tão baixo. E escancarou os batentes à sua frente.*

— *Que se derrube a redoma!-lançou então o rei com todo o poder de seus pulmões.*

—*Que se abatam os muros!*

E desta vez vai o grito por entre o estilhaçar, subindo, planando, pássaro-grito que no azul se afasta, trazendo atrás de si em revoada frases, cantigas, epístolas, ditados, sonetos, epopéias, discursos e recados, e ao longe- maritacas -um bando de risadas. Sons que no espaço se espalham levando ao mundo a vida do castelo, e que, aos poucos, em liberdade se vão."

Marina Colasanti

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 5

O conto “*Palavras aladas*” é um texto narrativo. Sua autora, Marina Colasanti, conta a história de um rei que não gostava de barulho. Ao analisarmos um conto, podemos identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho. Releia o texto com atenção e indique o *desfecho* do conto.

Habilidade trabalhada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Resposta comentada

O docente poderá propor aos alunos lembrar o conceito de desfecho (a solução do conflito produzido pelas ações dos personagens).A partir daí, certamente o aluno deverá apontar como desfecho do conto o momento que no encontro com sua própria voz, o rei reconhece que palavras não foram feitas para o calabouço e, num grito que estava calado há tanto tempo, ordena:

“Que se abram as portas! Que se derrube a redoma! Que se abatam os muros!”

ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 6

A partir da leitura do texto gerador I, você aprendeu o que é um apólogo através leitura do conto de Machado de Assis. Relembrando todas as características desse gênero textual, crie um apólogo. Que tal o diálogo ente um garfo, uma faca e uma colher? Ou entre um lápis e uma borracha? Fique a vontade para usar uma dessas sugestões ou outra de sua preferência. Organize o seu texto: utilize parágrafos e atente para a pontuação.

Habilidade trabalhada

Produzir um texto narrativo curto do gênero estudado.

Resposta comentada

Para a realização da questão o aluno deverá ter em mente as características do conto, bem como as de um apólogo. Junto com os alunos, relembre essas características: narrativa curta que apresenta em seu enredo apresentação, complicação, clímax e desfecho, que envolve poucas personagens, em um curto espaço de tempo e que quando se trata de um apólogo, temos uma História que traz uma lição de moral e tem como personagens seres não humanos que dialogam como se o fossem.

Sendo assim, espera-se que o aluno construa seu texto de acordo com esses critérios e observe principalmente a pontuação, pois por conter muitos diálogos, a preocupação com a pontuação é essencial. Espera-se também que a atividade estimule a criatividade e a imaginação dos discentes.

REFERÊNCIAS

Currículo Mínimo 2013 Língua Portuguesa e Literatura.

www.infoescola.com/redação/conto

www.brasilecola.com/literatura/oconto

Texto: “*Um apólogo*”, Machado de Assis.

Texto: “*Palavras aladas*”, Marina Colasanti.